



SANDRA APARECIDA PAULINO

O COGNITIVO E O AFETIVO PRECISAM ESTAR SEMPRE JUNTOS PARA O SUCESSO DA APRENDIZAGEM.



LANÇAMENTOS



Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Andreia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Organização:

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Colunista: Isac dos Santos Pereira

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

- Aline Lima Carvalho
- Aline Lopes de Sousa Silva
- Ana Kátia de Souza Pessoa
- Bruno Fragoso Watanabe
- Cibele Vieira dos Santos Alves
- Eliane Cristina Bulgan Borges
- Elisângela Oliveira Silva
- Geni Santana Cardoso
- Ilda Helena Domiciano Paukoski
- Ismenia Maria Pires Vaz
- Jonatas Hericos Isidro de Lima
- Maria Dalva Lima de Sousa
- Manuel Francisco da Silva e Delson da Conceição Miguel
- Maria Goreth Bueti Nhuca
- Marilene Pereira da Silva
- Maura Antônia Lima
- Patrícia Herminio da Silva
- Silvana Trindade de Azevedo
- Solange Alves Gomes Zaghi
- Vânia Regina Dias dos Reis Silvas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano III, n. 33 (out. 2022). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2022.

158 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

ISSN 2675-2573 (on-line)

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

ACESSOS:

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.33>



São Paulo
2022

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Comissão editorial:

Antônio Raimundo Pereira Medrado
José Roberto Tenório da Silva
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Denise Mak
Isac dos Santos Pereira
Patrícia Tanganelli Lara
Thaís Thomas Bovo

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adeilson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo
Profa. Ma. Veneranda Rocha de Carvalho

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Profa. Mestranda Cleia Teixeira da Silva
Prof. Doutorando Isac dos Santos Pereira
Prof. Mestrando José Wilton dos Santos

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado
José Roberto Tenório da Silva
Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 98031-7887
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação. É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

PRINCÍPIOS:

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**



Filiada à:



Platform & workflow by
OJS / PKP



Google Acadêmico



www.primeiraevolucao.com.br

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

SUMÁRIO

05 APRESENTAÇÃO

Prof^a. Dra. Andréia Fernandes de Souza

12 DESTAQUE

PROF^a. SANDRA APARECIDA PAULINO

UMA PROFESSORA PRÁ LÁ DE ESPECIAL UMA EXPERIÊNCIA DE INTEGRAÇÃO: ALUNO X FAMÍLIA X PROFESSORA

COLUNAS

06 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac dos Santos Pereira



ARTIGOS

1. PSICOPEDAGOGIA E AS CONTRIBUIÇÕES PARA A APRENDIZAGEM NO CONTEXTO EDUCACIONAL
Aline Lima Carvalho 17
2. A PRÁTICA DA MOTRICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Aline Lopes de Sousa Silva 23
3. EJA A DISTÂNCIA: UMA JANELA QUE SE ABRE QUANDO O GOVERNO FECHA PORTAS
Ana Kátia de Souza Pessoa 29
4. A EDUCAÇÃO PROFISSIONALIZANTE E SEUS BENEFÍCIOS SOCIAIS
Bruno Fragoso Watanabe 39
5. AS INTERVENÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS NAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS
Cibele Vieira dos Santos Alves 43
6. AMPLIAR A AUTOESTIMA E DESENVOLVIMENTO DE ALUNOS COM TEA
Eliane Cristina Bulgan Borges 51
7. AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO
Elisângela Oliveira Silva 59
8. O QUE BEBÊS E CRIANÇAS FAZEM NO BERÇÁRIO
Geni Santana Cardoso 71
9. A ARTE E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA VIDA DOS ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL AO ENSINO MÉDIO
Ilda Helena Domiciano Paukosk 75
10. DIFICULDADES DA EDUCAÇÃO PÚBLICA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM
Ismenia Maria Pires Vaz 81
11. FORMAÇÃO DE PROFESSORES E AS PERSPECTIVAS PARA ALÉM DA SALA DE AULA
Jonatas Hericos Isidro de Lima 87
12. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A INCLUSÃO NO CONTEXTO ESCOLAR
Maria Dalva Lima de Sousa 93
13. EXERCÍCIOS PARA CONTRIBUIR NO DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA SOMA DOS TERMOS DE UMA PROGRESSÃO GEOMÉTRICA NA 11ª CLASSE DO COMPLEXO ESCOLAR DO ENSINO ESPECIAL Nº 5.116 "MANUEL PEDRO PACAVIRA" DE NDALATANDO
Manuel Francisco da Silva / Delson da Conceição Miguel 103
14. RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM
MARIA GORETH BUETI NHUCA 113
15. A INCLUSÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA NO ENSINO BÁSICO
Marilene Pereira da Silva 119
16. GESTÃO DEMOCRÁTICA NAS ESCOLAS PÚBLICAS E SEUS ELEMENTOS CONSTITUINTES
Maura Antônia Lima 125
17. O OLHAR DO PSICOPEDAGOGO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Patrícia Herminio da Silva 131
18. AS HISTÓRIAS E OS CONTOS DE FADAS NO UNIVERSO INFANTIL
Silvana Trindade de Azevedo 137
19. DESAFIOS DA GESTÃO ESCOLAR
Solange Alves Gomes Zagh 143
20. AS TECNOLOGIAS E AS PRÁTICAS NA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO
Vânia Regina Dias dos Reis Silva 149

AS TECNOLOGIAS E AS PRÁTICAS NA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

VÂNIA REGINA DIAS DOS REIS SILVA

RESUMO

Este artigo aponta a importância das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), como ferramentas na prática pedagógica da alfabetização e letramento. O objetivo é discernir os caminhos dos docentes por meio do uso das tecnologias de informação e comunicação como uma forma de subsidiar um ensino mais atual e abrangente que possa contemplar tanto o professor, como seu aluno a suplantarem essas barreiras, ampliando assim sua capacidade sociocognitiva pela aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagens. Didática. Desenvolvimento. Ensino. TICs.

INTRODUÇÃO

As novas tecnologias trouxeram mudanças importantes se aceitarmos que o conceito de alfabetização não é fixo, mas uma construção histórica que muda conforme se alteram as exigências sociais e as tecnologias de produção de texto. Os novos meios entram não somente na vida profissional, mas no cotidiano pessoal. Permitem ler e produzir textos e também fazê-los circular de maneira absolutamente inédita (Ferreiro, 1992).

O acesso às tecnologias da informação e Comunicação, sobretudo a internet é hoje imprescindível para o desenvolvimento da leitura e da escrita, não se trata somente de mudar de caneta tinteiro para esferográfica como aconteceu no passado ou trocar o teclado da máquina de escrever pelo do computador. Trata-se de ter acesso a uma grande quantidade de informações e de oportunidades de comunicação, sem as quais fica difícil formar o cidadão contemporâneo. Como em outros espaços letrados, o leitor/escritor do mundo digital necessita desenvolver competências leitoras e escritoras específicas significativas nessa forma de comunicação (São Paulo, 2006).

Portanto a alfabetização se torna mais fácil de apreensão quando os professores estão dispostos a ter novos métodos e implantar os mesmos em escalas que façam diferença no aprendizado dos alunos.

A tecnologia torna-se ferramenta valiosa no processo de ensino aprendizagem, assim este trabalho se pauta em elucidar a importância da informática na alfabetização e também no letramento através de diversas linhas de pensamentos em autores como ALMEIDA, (1987), FERREIRO (1992), e KLEIMAN (1995) e LÉVY (1996) entre outros procurando enfatizar a importância bem como o uso da informática na alfabetização.

ALGUMAS CONCEPÇÕES SOBRE A ALFABETIZAÇÃO

As práticas pedagógicas de alfabetização, apoiadas nessa concepção tradicional, consistiam em atividades onde era privilegiado o domínio mnemônico do código escrito, ou seja, ensinava-se o aluno a escrever (registrar sua fala com códigos) e a ler (decodificar o escrito). (São Paulo, 2007)

Algumas atividades caracterizavam essa concepção mecânica da Alfabetização, como a utilização de cópias, ditados e jogos com famílias silábicas, constantemente presentes nas cartilhas: A cartilha limita-se ao ensino de uma técnica de leitura, entendendo-se essa técnica como a decifração de um elemento gráfico em um elemento sonoro.

Na atual proposta de Alfabetização, tomando-se como referência os PCN's a concepção de escrita é profundamente alterada: a escrita é caracterizada pelo seu caráter simbólico, com ênfase nos seus usos sociais (como os indivíduos se utilizam efetivamente da escrita)

Segundo Ferreiro (1992 p.23),

“Alfabetização é um caráter simbólico da escrita um sistema de signos cuja essência reside no significado subjacente a ela (a escrita), o qual é determinado histórica e culturalmente; assim, uma palavra escrita é relevante pelo seu significado compartilhado pelos membros da comunidade”. (FERREIRO, 1992 p.23)

Essas novas concepções implicam novas práticas de Alfabetização. Não mais se considera o aluno como ser passivo diante do conhecimento; é necessário possibilitar que ele se aproprie dos mecanismos de leitura e escrita, simultaneamente ao envolvimento com as práticas sociais do meio no qual está inserido. Como consequência, surge, nos anos 80, um conceito mais abrangente que o de Alfabetização – Letramento. (KLEIMAN, 1995)

Estar alfabetizado hoje é poder transitar com eficiência e sem temor numa intrincada trama de práticas sociais ligadas à escrita. Ou seja, trata-se de produzir textos nos suportes que a cultura define como adequados para as diferentes práticas, interpretar textos de variados graus de dificuldade em virtude de propósitos igualmente variados, buscar e obter diversos tipos de dados em papel ou tela e também, não se pode esquecer, apreciar a beleza e a inteligência de certo modo de composição, de certo ordenamento peculiar das palavras que encerra a beleza da obra literária. Se algo parecido com isso é estar alfabetizado hoje em dia, fica claro por que tem sido tão difícil. Não é uma tarefa para se cumprir em um ano, mas ao longo da escolaridade

LETRAMENTO DIGITAL

A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isso é levado a efeito, em geral, por meio do processo de escolarização e, portanto, da instrução formal. A alfabetização pertence, assim, ao âmbito do individual.

O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. Entre outros casos, procura estudar e descrever o que ocorre nas sociedades quando adotam um sistema de escritura de maneira restrita ou generalizada; procura ainda saber quais práticas psicossociais substituem as práticas “letradas” em sociedades ágrafas. (KLEIMAN, 1995)

Assim, para Marcelo Buzato (2009,) letramento são as consequências sociais e históricas da introdução da escrita em uma sociedade, [...] mudanças sociais e discursivas que ocorrem em uma sociedade quando ela se torna letrada”. Conclui-se que, para conceituar letramento, o impacto social da escrita, é apenas um dos componentes desse fenômeno; Ainda, Kleiman (1995) acrescenta a esse, outros componentes: também as próprias práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que elas ocorrem compõem o conceito de letramento.

Em ambas as autoras, porém, o núcleo do conceito de letramento são as práticas sociais de leitura e de escrita, para além da aquisição do sistema de escrita, ou seja, para além da alfabetização. (Levy 1996)

No quadro desse conceito de letramento, o momento atual oferece uma oportunidade extremamente favorável para refiná-lo e torná-lo mais claro e preciso. É que estamos vivendo, hoje, a introdução, na sociedade, de novas e incipientes modalidades de práticas sociais de leitura e de escrita, propiciadas pelas recentes tecnologias de comunicação eletrônica – o computador, a rede (*a web*), a Internet. (LEVY, 1996)

Considerando que letramento designa o estado ou condição em que vivem e interagem indivíduos ou grupos sociais letrados, pode-se supor que as tecnologias de escrita, instrumentos das práticas sociais de leitura e de escrita, desempenham um papel de organização e reorganização desse estado ou condição.

Segundo Lévy (1996 p.62), as tecnologias de escrita entre as *tecnologias intelectuais*, são responsáveis por gerar estilos de pensamento diferentes embora, as tecnologias intelectuais não *determinam*, mas *condicionam* processos cognitivos e discursivos.

Esse condicionamento tem sido estudado, ora defendido ora contestado, por muitos, em relação aos efeitos sobre culturas orais ou sobre indivíduos não-letrados, da introdução e prática da tecnologia de escrita quirográfica e tipográfica começa a ocorrer em relação aos efeitos da introdução e prática da tecnologia de escrita digital sobre culturas de letramento tipográfico (LEVY, 1996)

As diferenças entre tecnologias tipográficas e digitais de leitura e de escrita serão consideradas, neste texto, restringindo-se a análise ao uso de ambas essas tecnologias para a escrita de textos informativos ou literários; não se incluirá na análise o uso delas para a interação a distância. Assim, discute-se aqui, para confrontá-lo com o texto no papel, o texto na tela – o hipertexto; embora se reconheça que a análise da interação on-line (os chats, o e-mail, as listas de discussão, os fóruns, (entre outros) seria elucidativa para melhor compreensão do conceito de letramento, confrontando-se essas modalidades de interação entre as pessoas com as modalidades de interação face-a-face ou por meio da escrita no papel (FERREIRO, 1995)

No computador, o espaço de escrita é a tela, ou a “janela”; ao contrário do que ocorre quando o espaço da escrita são as páginas do códice, quem escreve ou quem lê a escrita eletrônica tem acesso, em cada momento, apenas ao que é exposto no espaço da tela: o que está escrito antes ou depois fica oculto (embora haja a possibilidade de ver mais de uma tela ao mesmo tempo, exibindo uma janela ao lado de outra, mas sempre em número limitado). O que é mais importante, porém, é que a escrita na tela possibilita a criação de um texto fundamentalmente diferente do texto no papel. (LÉVY, 1996)

Segundo Lévy (1996), o chamado hipertexto é, “um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor. [...] O texto no papel é escrito e é lido linearmente, seqüencialmente – da esquerda para a direita, de cima para baixo, uma página após a outra; o texto na tela – o hipertexto – é escrito e é lido de forma multilinear, multi-seqüencial, acionando-se *links* ou nós que vão trazendo telas numa multiplicidade de possibilidades, sem que haja uma ordem predefinida.

A dimensão do texto no papel é materialmente definida: identifica-se claramente seu começo e seu fim, as páginas são numeradas, o que lhes atribui uma determinada posição numa ordem consecutiva – a página é uma unidade estrutural; o hipertexto, ao contrário, tem a dimensão que o leitor lhe der: seu começo é ali onde o leitor escolhe, com um clique, a primeira tela, termina quando o leitor fecha, com um clique, uma tela, ao dar-se por satisfeito ou considerar-se suficientemente informado – enquanto a página é uma Unidade estrutural, a tela é uma unidade temporal. (LÉVY, 1993)

Em síntese, a tela, como novo espaço de escrita, traz significativas mudanças nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto e até mesmo, mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento.

Embora os estudos e pesquisas sobre os processos cognitivos envolvidos na escrita e na leitura de hipertextos sejam ainda poucos a hipótese é de que essas mudanças tenham conseqüências sociais, cognitivas e discursivas, e estejam, assim, configurando um letramento digital, isto é, certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel. (LÉVY, 1996)

Pode-se concluir que não é só este novo espaço de escrita que é a tela que gera um novo letramento, para isso também contribuem os mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita e da leitura. (LÉVY, 1996 p.65)

Segundo Umberto Eco (1996), os eventos de letramento que ocorrem com a intermediação da Internet exigem novas práticas e novas habilidades de

Leitura e de escrita, precisamos de uma nova forma de competência crítica, uma ainda desconhecida arte de seleção e eliminação de informação, em síntese, uma nova sabedoria.

INFORMÁTICA NA ALFABETIZAÇÃO

O importante é ter consciência de que ela não está definida para sempre. O que ocorre fora afeta e ela não pode fechar os olhos. Este é um momento interessante pelo avanço tecnológico, que põe a escola um pouco em crise. (FERREIRO, 1990)

Existem coisas que poderiam ter constituído avanço, porém foi muito mal compreendidas, como acreditar que os níveis de conceitualização da leitura pela criança mudam por si mesmas e que não é preciso ensinar, apenas deixar que ela construa seu conhecimento sozinha. (FERREIRO, 1990)

As novas tecnologias trouxeram mudanças importantes se aceitarmos que o conceito de alfabetização não é fixo, mas uma construção histórica que muda conforme se alteram as exigências sociais e as tecnologias de produção de texto. Os novos meios entram não somente na vida profissional, mas no cotidiano pessoal. Permitem ler e produzir textos e também fazê-los circular de maneira absolutamente inédita (FERREIRO, 1990).

O acesso às tecnologias da informação e Comunicação, sobretudo á internet é hoje imprescindível para o desenvolvimento da leitura e da escrita não se trata somente de mudar de caneta tinteiro para esferográfica como aconteceu no passado ou trocar o teclado da máquina de escrever pelo do computador. (SÃO PAULO, 2006).

“Trata-se de ter acesso a uma grande quantidade de informações e de oportunidades de comunicação, sem as quais fica difícil formar o cidadão contemporâneo. como em outros espaços letrados, o leitor/ escritor do mundo digital necessita desenvolver competências leitoras e escritoras específicas significativas nessa forma de comunicação”(SÃO PAULO, 2006 p.18).

AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA DOCÊNCIA

Em recente estudo sobre as tecnologias da informação e comunicação na formação de professores, buscam caracterizar o “movimento de aproximação de educação e tecnologia”, anunciando, entre outros aspectos, o incremento dos estudos que abordam as tecnologias da informática no campo educacional. Embora no que se refira à docência tenham sido privilegiadas as discussões sobre a formação a distância, deu-se também o devido destaque às investigações sobre os usos das tecnologias nos espaços escolares de modo presencial (BARBOSA, 1994).

As tecnologias de informação e comunicação influenciam a organização da vida escolar, colocando em questão tanto os papéis dos professores como os dos alunos. Por isso, em alguns aspectos há mostras de preocupação em acompanhar a utilização de recursos diferenciados na produção e socialização do conhecimento no âmbito educativo.

Entende-se que novas concepções de organização do tempo, do espaço e das formas de conhecer surgiram com as tecnologias de informação e comunicação e sua constante evolução na contemporaneidade. Como a profissão docente está em constante construção, observar o mundo a sua volta e perceber as mudanças vinculadas aos usos da informação e comunicação é tarefa do professor que reavalia sua prática. (BARBOSA, 1994).

Segundo Pimenta (2006) , deve-se destacar que há princípios fundamentais que devem ser levados em conta no exercício da docência como: trabalhar o conhecimento de maneira crítica; saber mediar os saberes da docência em sintonia com o contexto histórico e social; e, finalmente, utilizar a pesquisa como um princípio de observação da realidade vigente.

“O uso didático das tecnologias torna-se contributivo quando associado às costumeiras mudanças das posturas docentes e discentes, com alteração nos tradicionais papéis exercidos em sala de aula, que agora passam a se caracterizar por posturas interativas e de colaboração entre os sujeitos, substituindo o antigo formato relacional hierarquizado que marcou a relação Professor-aluno” (Kenski, 2006 p. 32)

As tecnologias de informação e comunicação são úteis se estiverem relacionadas ao contexto, aos objetivos pedagógicos e às condições de acesso dos participantes à tecnologia, uma vez que o simples contato com um determinado meio tecnológico não garante a qualidade do processo educacional. (BARBOSA 1994 p.37).

Os alunos gostam bastante de informática e com isso se consegue atrair a atenção para o aprendizado que aparece de maneira lúdica, onde o “brincar” pode ser transmutado em aprendizagem específica, onde os mesmos, aprendem a identificar as letras e as sílabas.

Nos próximos gráficos, os dados vão demonstrar a importância do uso da informática e também os tipos de jogos mais comuns que são usados com o uso do computador, desta forma facilitando a aplicação em aula, bem como as adequações curriculares para alunos que apresentam alguma deficiência na escola.

A prática do uso da informática, apresenta uma boa ferramenta para alavancarmos o processo. Nesse ponto, observamos que a prática denota muitas formas para se trabalhar o ensino, os alunos das séries iniciais de alfabetização, segundo ainda as suas professoras conseguiram apresentar uma melhora significativa no seu processo de ensino aprendizagem.

Na alfabetização plena inclui-se aspectos formais da língua escrita, aspectos que dizem respeito a técnicas necessárias para a decifração de um código que já foi inventado e também aspectos necessários para a construção de um processo de apropriação de uma nova linguagem que, embora não seja

desconhecida, necessita ser (re) descoberta. O objetivo foi o de analisar as concepções pedagógicas subjacentes nos softwares. (Collelo, 1995 p.12)

Para isso se procurou levantar e indicar critérios considerados fundamentais dentro de uma perspectiva de alfabetização da criança nesta faixa-etária, com o intuito de consolidar o seu processo de apropriação da leitura e da escrita numa perspectiva de formação de crianças leitoras e escritoras, numa perspectiva de alfabetização plena.

Nos primórdios do uso educacional de computadores, o software educativo era raro. Atualmente encontram-se dúzias de softwares educativos disponíveis no mercado. No entanto, apesar da aparente profusão de programas educativos, a possibilidade de escolha é limitada. (ALMEIDA, 1987)

Em relação aos softwares educativos destinados à alfabetização, o que se vê são exercícios apresentados à criança e desenvolvidos basicamente em três etapas: apresentação do alfabeto, apresentação gradativa de palavras com destaque ao som inicial, intermediário ou final de cada palavra e a associação de sons consonantais e sons vocálicos, formando palavras simples, de uma ou duas sílabas e, dependendo do grau de dificuldade escolhido no programa, torna-o mais complexo. (ALMEIDA, 1987)

Não se pode esquecer que são softwares destinados a crianças antes de sua entrada na escola de 1º grau e que, portanto, fazem da pré-escola um longo período preparatório. Preparatório para a alfabetização escolarizada. São os famosos exercícios de prontidão que se limitam ao adestramento da criança, ao treino de habilidades que lhe serão exigidas somente entre as quatro paredes da escola e que não lhe garantem a compreensão daquilo que está fazendo e muito menos garantem torná-las leitoras e escritoras.

“A pré-escola tem, sem dúvida, uma contribuição importante para dar ao processo de apropriação da leitura e da escrita. No entanto, não pode se limitar ao ‘desenvolvimento de habilidades’ que envolvem percepção de detalhes e memória visual, motricidade, lateralidade, posicionamento no espaço, relação figura/fundo” [...] (ALMEIDA, 1987 p.17)

Os programas computacionais poderão ser um instrumento valioso para auxiliar a criança no seu processo de compreensão da linguagem escrita numa perspectiva diferente daquele comumente realizada pelo ensino tradicional.

O computador poderá ser o "novo" inovador que suscitará discussões importantes para o avanço da compreensão, do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças sob vários aspectos, ou poderá ser o velho vestindo uma roupagem nova que mascara aspectos já superados no que concerne à alfabetização. Aspectos estes tão arduamente, penosamente, rigorosamente pesquisados através de várias áreas como a linguística, a psicologia, a pedagogia, a psicopedagoga, a história, etc. (KRAMER, 1982)

Não é possível afirmar aqui que o ‘velho’ seja descartável [...], só se pode construir o novo porque há algo para ser modificado, só se pode repensar e criar alternativas para aquilo que já existe, mas há que se trabalhar criticamente com a contribuição colocada pela cultura vigente.

Os programas analisados ficaram muito aquém do desejável para aquilo que se busca como possibilidades de enriquecimento do universo infantil no que concerne à leitura e à escrita. Em sua esmagadora maioria, não atingiram o percentual mínimo para que pudessem ser enquadrados como possibilidades concretas de estímulo à formação de crianças leitoras e escritoras, os exercícios, limitados à repetição de estratégias há muito utilizadas pelas cartilhas escolares, têm no suporte multimídia a ilusão da novidade e apostam nisso para que as crianças aprendam. (NOGUEIRA, 1996)

Os exercícios propostos para o desenvolvimento da motricidade vão desde deslizar com o mouse sobre as letras do alfabeto até os velhos exercícios de levar um objeto a um determinado lugar. (São Paulo, 2007)

Alguns softwares que trazem textos escritos e falados para orientar as atividades propostas evidenciam com cores diferentes a palavra, à medida que ela vai sendo lida, com o objetivo de salientar visualmente o que está sendo dito. A tentativa é a de ligar a audição à visão, basicamente através também da memorização. No software A Festa do Ursinho de Pijama, que conta uma história, a tentativa é também a de salientar visualmente a palavra que está sendo dita, a diferença é que faz isso através do que usualmente chamamos de "carta enigmática", onde as palavras são substituídas por figuras correspondentes. Além da história, existem alguns jogos que podem ser acessados a cada página, no entanto a possibilidade de criação para a criança é limitada àquelas predeterminadas pelo programa,

nesse caso a escrita se faz presente; ainda que não seja possível à criança escrever, ela pode acompanhar a história e, ao clicar sobre os desenhos, aparecerão as palavras correspondentes.

“No entanto, se limita à memorização das palavras. Lembra as classes de alfabetização onde o professor, na melhor das intenções, costuma colocar sobre os objetos presentes na sala de aula seus nomes escritos em pequenos quadros (geralmente em letra cursiva): carteira, mesa, parede, quadro-negro, etc., conhecida usualmente como a ‘leitura incidental’.”(KLEIMAN, 1995 p.81)

Mais uma vez a idéia presente de que "o conhecimento se dá pela absorção do meio; a aprendizagem supõe o treino, a repetição, a memorização, sendo a escrita mera atividade motora que deriva da associação de estímulos sonoro-auditivos" (BARBOSA, 1994).

Os programas como o Baby Fun, Alfabetização – Vogais I e II Alfabetização - Consoantes I, Brincando no Sótão da Vovó, bê-á-bá do Crispim, Dally Doo voltam-se basicamente para a apresentação do alfabeto e de palavras que iniciem ou terminem com a letra apresentada. (SOARES, 2007)

A busca de determinada palavra em alguns softwares é feita através do mouse, em outros utilizando-se o teclado no programa Baby Fun, que se propõe a alfabetizar crianças a partir dos dezoito meses, as letras do alfabeto são apresentadas de maneira estilizada, sendo pronunciadas em voz alta. Ao clicar a letra correspondente no teclado, vão aparecendo figuras que começam com aquela letra. A participação da criança pode ser feita também contornando a letra enunciada com cores diversas, através do controle do mouse.

Fica claro ao manusear os softwares que a visão de alfabetização neles subjacentes é tida como algo externo, a ser adquirido reduzindo a linguagem a meros conteúdos a serem assimilados, se por um lado acredita-se que para avançar no seu processo de compreensão da escrita são necessários, respectivamente, habilidades de decodificar palavras escritas até a capacidade de integrar informações obtidas de diferentes textos e habilidades de simplesmente transcrever sons até a capacidade de comunicar-se com um leitor em potencial.

Segundo Soares (2007), decodificar e compreender não são categorias polares, mas complementares, não se pode deixar de reprovar os softwares educativos que se limitam tão somente ao aspecto da decodificação e da transcrição.

Estes programas, que representam tão bem o que há de mais tradicional no ensino da leitura e escrita, trazem ainda a possibilidade de que todos os exercícios sejam feitos também na letra cursiva. Há que se refletir se tais exercícios ou conteúdos propostos se fazem necessários à criança, são parte do seu cotidiano e despertam-lhe o interesse em "descobrir" o que se mostra aos seus olhos.(SÃO PAULO, 2007)

Para aprender a ‘ler lendo’, como afirmam Ferreiro & Teberosky (1985), é fundamental que a leitura e a escrita sejam ‘necessárias à criança’ e que ‘as letras se tornem elementos de sua vida’ diz Vygotsky (1991) e não será através de frases soltas e desconexas, ‘menos ainda com palavras e jamais com sílabas’ que isso acontecerá.

Para (Foucambert,1994) aprende-se a ler com textos longos, centrados nas experiências e nas preocupações das crianças, provenientes de fora da escola ou extraídos de escritos sociais e concebidos de forma a responder as necessidades dessas crianças como se elas soubessem ler. Textos que funcionem realmente para leitores. Aprende-se a ler lendo textos que não se sabe ler, mas de cuja leitura se tem necessidade.

Ler – e, portanto, aprender a ler – é uma negociação entre o conhecido, que está na nossa cabeça, e o desconhecido, que está no papel; entre o que está atrás e diante dos olhos. É um trabalho de detetive que utiliza índices (paginação, palavras conhecidas...) para elaborar hipóteses, verificá-las com base em outros índices, voltar aos pontos que parecem obscuros, com ajudas externas, etc. (FOUCAMBERT, 1994)

É duvidoso acreditar que é "necessário" para a criança fazer exercícios do tipo ligar a letra A com a palavra AMORA, a letra I com a palavra IGLU a letra U com a palavra UNHA, e assim sucessivamente numa série de exercícios se para ler são dadas estas palavras, presume-se que para escrever as possibilidades seriam as mesmas, uma criança só poderá produzir textos a partir de sua experiência com a escrita na situação de leitor (FERREIRO, 1990).

No caso dos softwares descritos e analisados aqui, o que se pode constatar é que todos eles estão pautados no ensino tradicional que condiciona a natureza à didática da ação pedagógica. Desconsideram conhecimentos, valores, linguagens e necessidades da criança. Sob o pretexto de facilitar a alfabetização, sistematizam o processo, distribuindo as dificuldades inerentes à escrita de acordo com uma sequência lógica do ponto de vista do adulto, criando com isso uma língua artificial que, para a criança, dificilmente poderá ser um meio de expressão.

Segundo Smolka (1989) ganha novas formas na medida em que é produzida pelo gesto de escrever e marcada no papel. Ao mesmo tempo, movimento intradiscursivo vai adquirindo, pela escritura, novas características: desponta a questão do "estilo" na escritura; do gosto; da opção, da fruição no jogo de formulações possíveis. Emerge, além da dimensão lúdica, a dimensão estética.

Será no escrever "escrevendo", através da sua autoria, com a interlocução com o outro, tanto no meio físico quanto no meio social – num ambiente onde a escrita se faça presente de maneira múltipla e diversificada, onde a presença do outro mais experiente seja no sentido de instigar, incitar e mediar situações em que a criança possa ir avançando em seu conhecimento, que a alfabetização poderá se processar de forma ampla. (SMOLKA, 1989)

É nesse espaço que se trabalham a leitura e a escritura como formas de linguagem. A alfabetização se processa nesse movimento discursivo. "Nessa atividade, nesse trabalho, nem todo o dizer constitui a leitura e a escritura, mas toda a leitura e toda a escritura são constitutivas do dizer" (FOUCAMBERT, 1994).

Há ainda um ponto importante a ser considerado, e sem o qual de pouco adiantaria ter este ou aquele recurso para auxiliar na aprendizagem, por mais sofisticado que ele venha a ser: o educador!

Segundo Stahl (1991) o uso das novas tecnologias, sem dúvida, amplia consideravelmente o nível de informação, certamente contribui para o aumento do conhecimento, mas somente o professor, somente o ser humano, pode alcançar a sabedoria e ajudar outros a alcançá-la.

A participação do educador é fundamental e imprescindível para a mediação que poderá refinar o uso de novas tecnologias no âmbito educacional institucionalizado o uso e o domínio de ferramentas tecnológicas podem propiciar estratégias diferentes para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, reflexão crítica e solução de problemas (STAHL, 1991).

Certamente os textos multimídia, hipermídia, a comunicação virtual e sem fronteiras estão abrindo inúmeras perspectivas para a educação.

No entanto, como será sempre necessária a capacidade do professor para selecionar e explorar as tecnologias adequadas ao seu contexto específico que dará a devida dimensão ao seu uso na educação, não só porque facilitará as tarefas de ensino, mas principalmente, porque poderá facilitar e ampliar a aprendizagem de seus alunos.

Fica evidente que a formação do educador é uma das condições para que se possa utilizar qualquer aparato, tecnológico ou não, com o intuito de contribuir para a aprendizagem da criança. (COLLELO, 1995).

Não será o uso deste ou daquele material que dará conta do processo de aquisição da leitura e da escrita pela criança. Não será também o professor única e exclusivamente o responsável pelos erros e acertos, no entanto será ele que mediará, institucionalmente, conhecimentos que venham a contribuir para este processo. E será ele que estará, em última instância, explorando e direcionando à sua maneira os recursos educacionais.

A forma pela qual se dá a alfabetização está intimamente ligada à própria experiência dos professores, enquanto alunos que foram, e enquanto leitores (de mundo) e escritores que deveriam ser, quer dizer, está ligada à prática social global em todos os níveis: desde a reflexão professor/aluno, aluno/aluno, até as mais complexas relações de produção da existência material.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois desta ampla análise, da observação sistemática e forma de uso da informática em sala de aula nos anos iniciais, a conclusão a que se chega é que a informática se torna uma ferramenta necessária para a alfabetização pois demonstra um caráter lúdico, que "prende" a criança tornando o saber algo mais prazeroso e efetivo do processo ensino aprendizagem, claro há de se rever também as propostas e as formas de como a ferramenta informática se dará neste processo e que também possa incorporar, uma reflexão mais aprofundada sobre as concepções de alfabetização que subjazem neles.

O processo de produção dos mesmos necessita compor equipes articuladas, com educadores que ajudem a problematizar as soluções técnicas encontradas e a ampliar a percepção a respeito da melhor forma de trabalhar esta questão da alfabetização com crianças pequenas

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, F. J. De. **Educação e Informática: os Computadores na Escola**. São Paulo: Cortez, 1987. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, n.º 19).
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BARBOSA, J. J. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1994.
- COHEN, R.; GILBERT, H. **A Descoberta e Aprendizagem da Língua Escrita Antes dos Seis Anos**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- COELLO, S. M. G. **Alfabetização em Questão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ECO, U. **Os limites da interpretação**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- FERREIRO, E. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1992.
- FERREIRO, E. **Os filhos do Analfabetismo: Propostas para a Alfabetização Escolar na América Latina**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- FOUCAMBERT, J. **A Criança, o Professor e a Leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 3. Ed. Campinas: Papirus, 2006
- KLEIMAN, A. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995
- KRAMER, S. **A Política da Educação Pré-Escolar no Brasil: a Arte do Disfarce**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.
- KRAMER, S. **Com a Pré-escola nas Mãos: uma Alternativa Curricular para a Educação Infantil**. São Paulo: Ática, 1989.
- KRAMER, S. **Por Entre as Pedras: Armas e Sonhos na Escola**. São Paulo: Ática, 1993.
- LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e modernidade: presente e futuro na escola**. São Paulo: Cortez, Curitiba: UFPR, 1997.
- LÉVY, P. **A Máquina Universo: Criação, Cognição e Cultura Informática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- LÉVY, P. **As Tecnologias da Inteligência: o Futuro do Pensamento na Era da Informática**. São Paulo: Editora 34, 1996.
- PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.
- SCHAFF, A. **A Sociedade Informática: as Conseqüências da Segunda Revolução Industrial**. São Paulo: Fundação Editora UNESP, Brasiliense, 1990.
- SMOLKA, A.L.B. **A criança na fase inicial da escrita**. São Paulo: Cortez, 1989.
- SOUZA, S. J.; KRAMER, S. **Educação ou Tutela? A Criança de 0 a 6 Anos**. São Paulo: Loyola, 1988.
- STAHL, M.M **Ambientes de aprendizagem Computadorizados: da Sala de Aula Convencional ao Mundo da Fantasia**. OFICINAS DE INFORMÁTICAEDUCAÇÃO, COPPE/Sistemas, 1991. Anais. UFRJ, 1991.
- VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.



Vânia Regina Dias dos Reis Silva

Licenciatura Normal Superior pela Universidade Hermínio Ometto, UNIARARAS.
Professora de Educação Infantil PEI, na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.



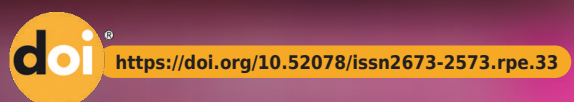


ORGANIZAÇÃO:

Andréia Fernandes de Souza
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Aline Lima Carvalho
Aline Lopes de Sousa Silva
Ana Kátia de Souza Pessoa
Bruno Fragoso Watanabe
Cibele Vieira dos Santos Alves
Eliane Cristina Bulgan Borges
Elisângela Oliveira Silva
Geni Santana Cardoso
Ilda Helena Domiciano Paukoski
Ismenia Maria Pires Vaz
Jonatas Hericos Isidro de Lima
Maria Dalva Lima de Sousa
Manuel F.da Silva e Delson da C. Miguel
Maria Goreth Bueti Nhuca
Marilene Pereira da Silva
Maura Antônia Lima
Patrícia Herminio da Silva
Silvana Trindade de Azevedo
Solange Alves Gomes Zaghi
Vânia Regina Dias dos Reis Silvas



Produzida com utilização de softwares livres



www.primeiraevolucao.com.br

